

SOCORRO ! O QUE FOI QUE EU FIZ ?

Edson Barrus

Resumo

A partir do enunciado do carneiro carnívoro de Gilles Deleuze, o autor transita pelas experiências vivenciais no Espaço Experimental Rés do Chão, cujas atividades na Rua do Lavradio no Rio de Janeiro e suas desterritorializações, foram fundamentais para a cena artística emergente nos início dos anos 2000.

Palavras-chave:

Performance; Vivência; Arte Contemporânea; Texto de artista; Rés do Chão

O sol estava se levantando no sertão e eu estufei. Nasci sozinho. Meu choro, acordou minha que avó Zefa Cota que se levanta para cortar lenha para fazer o fogo e esquentar a água para lavar a mim e a minha mãe quando a parteira chegasse para cortar o meu umbigo e terminar o parto. Uma lasca da madeira salta ao olho da minha avó. Imaginem o drama que se segue a esse acontecimento que se dá entre as serras de Umã e Arapuá, na mais bela paisagem do amanhecer do sertão pernambucano sob o canto dos galos : minha avó, minha mãe e eu sangrando. Dar a luz e tirar a luz no mesmo instante. Minha mãe com certeza estava agoniada querendo se livrar daquela corda. Muito tempo depois eu soube que nessa mesma, na cozinha, minha irmã adolescente, a mais bonita, acendeu uma vela e caiu uma gota em sua coxa. Meu pai, caboclo índio, lá de onde estava sentado arriscou uma profecia : nasceu um problema.

No livro Crítica e clínica, de Deleuze, encontrei essa figura do « carneiro carnívoro » que morde e grita : « socorro ! o que foi que eu fiz ? Era para o vosso bem e para a nossa causa comum ». Eu percebo nessa figura moderna-cristã de homem

Abstract

Based on Gilles Deleuze's declaration of the carnivorous ram, the author explores Rés do Chão Experimental Space's life experiences, whose activities in Rio de Janeiro, Lavradio St. and its deterritorializations, were fundamental for the emerging art scene of the early 2000s.

Keywords:

Performance; Life experiences; Contemporary art; Artist writing; Rés do Chão

muito de performance. Mas o que me interessa nessa figura é que ela me remete por oposição, a pensar no Basenji, o cachorro herbívoro bisavô do cão mulato, e que é um cachorro que ri, ele é africano, não late e além do mais é vegetariano. Creio ser ele, o basenji, o cão da peste chupando manga, por ser o único cachorro vegano, e ele é da peste porque ri ; sei lá por quê, mas ele ri ironicamente, como Duchamp, que virou um penico e depois morreu de rir.

SOCORRO ! O que foi que eu fiz ? O que foi que eu fiz quando adentrei o cinema Odeon de loira gloriosa e sem blefar, distribuimos feijoada para a audiência ? O quê eu fiz quando cheguei no Orlândia com gravadores latindo ? Quando eu tirei a roupa em cima da mesa de comida, no Porto, na comemoração da exposição Mistura+Confronto ? Que foi que eu fiz quando fui entregue como mercadoria em um carrinho de bicicleta por um carregador no Agora/Capacete, e coloquei o microfone da palestra do Paulo Bruscky sob a minha bunda nua? E quando eu mijei no copo e bebi na ocasião da minha apreZentação ao Grupo EmpreZa ? E quando fui passear la cemitério do Catumbi com



Figura 1 – Quem sou eu ? Performance realizada na vivência ÚnicaCena, Rio de Janeiro

Cecília de boá de latas de ouro, para entregar a confiança do Rés-do-Chão? O que foi que eu fiz quando entrei de parangolata, no Banco do Brasil, para pegar dinheiro no caixa eletrônico ? Quando eu parei e contemplei o nada no Beaubourg ? Quando distribui, com Laura e Marcelo, cartões de cartolina preta, no buraco-metrô de Copacabana? Quando eu acendi a dança de Pollyanna na Galerie Faux Mouvement ? Quando junto com Cecília, abandonamos Metz, produzindo um ôco-significado ? Quando eu gritei NÃO TOQUE NELA, Danse Pollyanna ! Que foi que eu fiz ? Toda vez que eu queimei a minha lâmpada de fósforos ? Quando eu fundei o Rés-do-Chão ?

Sei lá ? Fiz. Queimei quando fiz *strip-tease* on-line no café da manhã diretamente de Nova York a pedido do meu público. SOCORRO ! O que foi que eu fiz mais ? Então, descobro que o Rés foi/é uma performance no campo ampliado das interpretações. Uma performance que envolve

arquitetura, urbanismo, sociedade, além das diversas categorias tradicionais da arte, e muito mais ; configurando-se como uma possibilidade quântica pela impossível precisão de sua exata posição. Essa possibilidade de alguma ação viva, que pode rolar entre as muitas formas. Então, só podemos mapear, cartografar os indícios da transformação das situações em Rés e do fato do Rés dissolver-se nas situações. Um satélite que complica a sua imediata apreensão, dificultando nomear qual imagem lhe é a mais semelhante. Mas, quando o objeto do conhecimento se comporta como tal, tatear torna-se a tarefa.

Pensando as diferenças, vejo diferença entre essa afirmação de Cucco : « e nossa estratégia, pelo menos a minha, sempre foi fugir desses conceitos, nunca consegui conceituar o que fazíamos, por isso, eu nunca escrevi sobre nós, percebi então, que era melhor relaxar e passei a curtir, sem me preocupar com isso », e essa outra que diz : « mesmo sabendo que sempre



Figuras 2 e 3 – Quem sou eu ? Performance realizada na vivencia ÚnicaCena, Rio de Janeiro

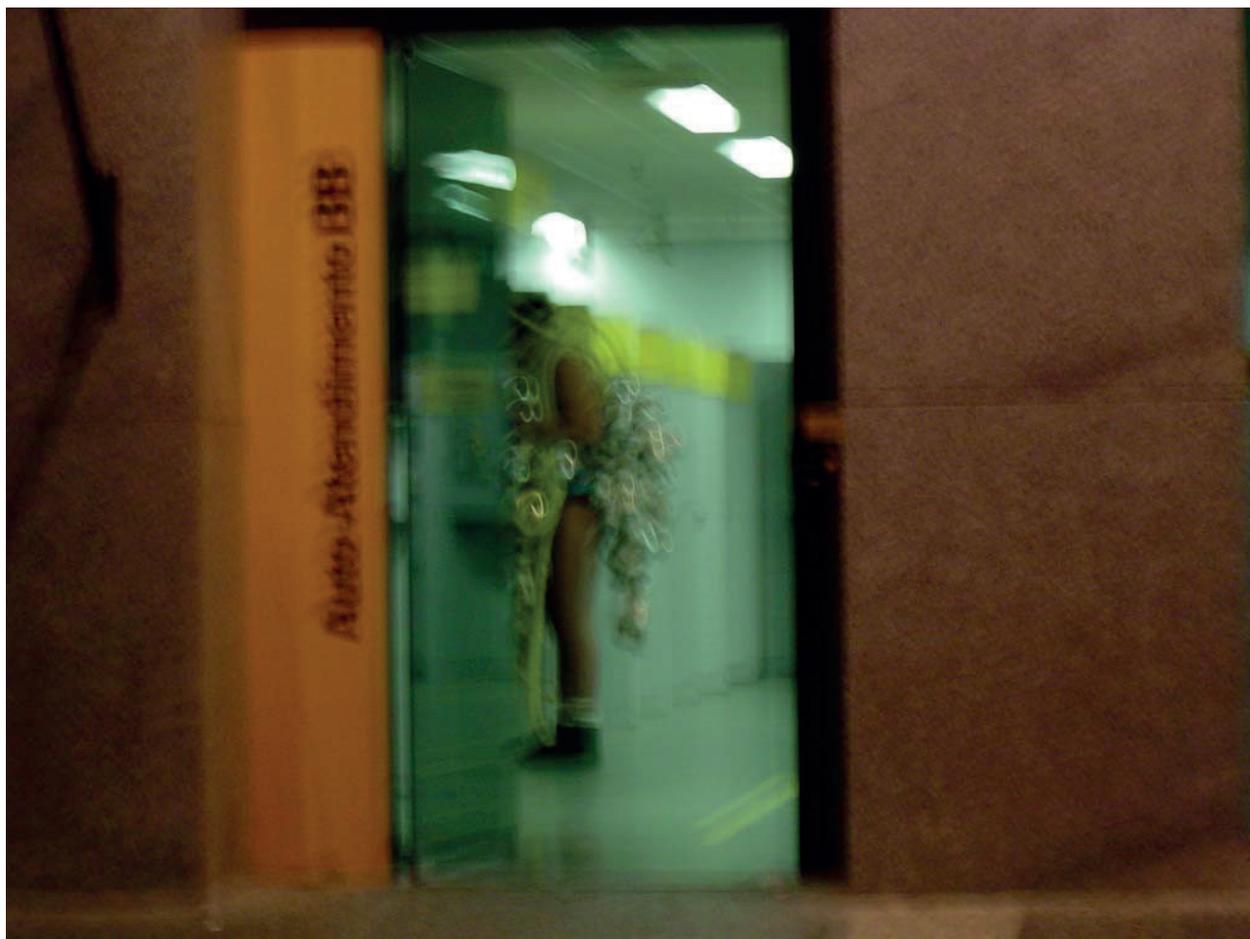


Figura 4 – Parangolata, performance realizada em agência do Banco do Brasil, Rio de Janeiro.

poderemos encontrar modos de provar aquilo que nos interessa, dentro da conversa em curso aqui. » A isso, Orlando chama « dar voz e aliar escutas, percepções, olhares, distenções, memórias, sensações » para pensar, nesse tráfego intenso intenso de e-mails, esse nó que se dá na cabeça quando se pensa no Rés, como revela Cucco. Cecília acha que pra pensar o Rés precisa-se tentar amolecer mais as compreensões... tendendo a pensar tudo o que foi feito mas pela transitoriedade e fluidez, mais água // para pensar nossos trabalhos abertos, seja lá o que isso for, mas dentro da possível leitura que se faz de aberto como « aberto a que outros agregam valor ».

Chegando em palavras mais líquidas para tentar perceber o Rés como esse espaço sempre atual, esse espaço que para nós pertencia ao possível, e que para Orlando vê muito mais do que um

lugar ou um « projeto estabelecido », mas um « configurando-se [no presente, pois é vivo, é vida, está em todas as pessoas], se com-figura num campo de potencialidades de vida, de mergulho, de troca, de imanência. Ninho, espinheiro, terremoto, calor e afecto. »

Mas é interessante notar que sendo tão difícil nomear o Rés em + de 30 páginas de conversa sobre o que Raquel chamou de causa comum, não falamos as caras palavras : grupo/coletivo/ativismo/ações autogestivas, ou qualquer classificação do gênero. Isso é um « sintoma » que interessa, pois possibilita perceber o Rés como um acontecimento fundador, apesar de ser difícil de nomeá-lo. Lugar de geração, que gestou o ArtTrainee, o Zona Franca, as quarentenas Acúcar Invertido, o Brfree, o ÚnicaCena e muitas outras iniciativas. Mas que nunca se assumiu como sede de nenhum coletivo, sindicato ou



Figura 5 – Rés 2º aniversário, Rio de Janeiro, 2004

algo parecido. Havia uma recusa a isso explícita. Existia sim, a mania de dizer 'a gente', e a minha questão então é saber o que fez o Rés viver tantas situações? E que inteligência nós produzimos através dos combates e dos prazeres que aí articulamos? E discordo que o Rés teve um período de não-potência, constituía a ideia do Rés funcionar também na baixa frequência. Mais latente, permanecendo como uma pancada repercutindo em cabeçasssssssss. Produzimos a mania de dizer a gente, e adubamos um champ intermediário pela via da hidrossolidariedade. « Use e não estrague » era a nossa solidariedade líquida. Esse enunciado ajuda entender a ideia de usuário que sempre trabalhamos no Rés. A gente usava, pura e simplesmente, sem nos preocuparmos com o resultado nem com as classificações do que fazíamos. Essa preocupação quem nos trouxe ao Rés foi alguém sem nunca ter rés-viv-ido. Um deita enquanto outro ri, enquanto outro come, enquanto outro beija, enquanto outro

seduz, enquanto outro rejeita, enquanto outro aceita, enquanto outro devolve, enquanto outro vomita, enquanto outro engole, enquanto outro caga. Tudo ao mesmo tempo, horizontalmente. É vivência, é precário, é vida.

Somos o orvalho do virtual de isso. Porquê então não falamos nas categorias em voga na arte contemporânea brasileira, tipo essa de grupo e/ou coletivo? O Rés captou na madrugada do terceiro milênio essa vontade essa vontade de se a/gente e que veio se assentar ao nível do chão, essa virtualidade úmida que se condensa e escorre hidrossolidariamente na 'superfície depois superfície' que Yann projetou Shibuya e que Cucco diz ser esse « o chão intermediário que é o Rés do Chão », pois o chão do Rés realiza-se no espaço intermediário. Uma materialização intermediária. Isso ele enfatiza, sedimentando o Rés, hastiando uma faixa do Rés na Pedra da Gávea, no Largo da Carioca ou em Rio das



Figuras 6 e 7 – rés-Qui-Nós-Cio, Macapá , UNIFAP, 2004



Figura 8 – Mapa de caminhos – Pensando Paris, Rés do Chão, Rio de Janeiro, 2004.

Pedras. Esse chão intermediário é enfatizado também quando funcionamos como satélites em Nova York, na Amazônia e na França, ou na calçada do Teatro Sérgio Porto. Mas, para não dizer que não falamos de grupos na conversa, uma citação diz « e novos grupos são formados e são continuamente rompidos e reformados ». Creio que essa imagem do Rés como uma virtualidade úmida que se condensa e se evapora é notável quando Raquel escreve : ao menor chamado, quando a fresta habitar a porta, um pensamento que seja, num lampejo o Rés se reestabelece como uma TAZ. Ao que Rés-sooooooa quando nos reunimos sempre rola o Rés, também na rede isso pode se dar, como estamos vendo aqui. A coisa tazzzzzzzzzzquerendo pegar, então, dancemos com esta coisa !

A materialização ou existência intermediária, é também uma realização no espaço ainda

intermediário mental, e produz nesse espaço físico intermediário um espaço conceitual. Isso remete-me à noção de base espacial, a Estação Espacial Internacional. Isso soa confuso ? É confuso mesmo, pois eu creio que nós não estávamos e nem estamos aqui mais tratando de integrar a arte na vida, mas sim, de dissolver o artista na sociedade. O artista de cada-um-com-seu-cada-um ; não o artista A,Y ou Z, mas o artista passagem, o que expressa, o que deixa passar a invenção, e isso passa através do negro da criança da mulher do homem do adulto do rico do pobre e do branco. Se nos interessava os « sintomas » é porque são eles que trazem o que deve passar. Sintomas que descarregavam-se e se recarregavam, como uma bateria de energia, no nosso chão. Deixando passar >>> como o Júlio aproveitou a 'deixa' para escrever um pouco, deixando passar o texto. Dissolver o artista na sociedade é um enunciado que aponta para a existência de um « artista cristal », cristalizando-se literalmente como um açúcar pela



Figura 9 – Mapa de caminhos – Pensando Paris, Rés do Chão, Rio de Janeiro, 2004.

sociedade de consumo, e distanciado da sociedade por essa cristalização. Trazer o artista para a vida, dissolvê-lo então no fluxo das vivências para que ele deixe passar, ressoando criativamente o cotidiano. A abertura ao indeterminado, ao múltiplo, a busca da estrutura zero, a dissolução dos focos, o tangenciamento da multiplicidade de focos de interesses sempre simultâneos mas não-coordenados. Tantas experimentações que tornaram-se projetos redirecionados, tantos exercícios do Rés que tornaram-se obras para o circuito de arte, quantas vidas afetadas pela situação Rés do Chão.

Por muito tempo eu pensei e reivindiquei com os amigos pensar a arte como um jogo, e vi-me aí inserido na tradição duchampiana. Mas Foucault ao enunciar « não é jogo, é experiência » reorienta-me a percebermo-nos como experiência, como prática de vida e cuidado cotidiano, de perceber o que realmente está a se fazer. Com fé

no que se faz. SOCORRO ! O que foi que eu fiz ? quando cheguei no auditório da Fundação Nacional de Arte de fones de ouvido no debate Arte/ Política, ouvindo *rien, je ne regrette rien* ? Quem sou eu ? berrava eu-Artaud de cabeça raspada na banheira de leite. ÚnicaCena ! O que eu fiz e o que eu deixei de fazer, quando apareci e sumi, era a nossa dinâmica de vivência, eram atos construídos de nossos aprendizados em toda sua com-fusão-de-afetos. E por conta da nossa causa comum, e por conta da cachaça que se bebia no Rés, todas as pessoas que são Cynica, já serviram silenciosamente e continuarão servindo Ypioca Ouro para embriagar com felicidade « em vários lugares » mais uma mostra dessa ressonância satélite. Sem chão ou com chão deslocado no 3º andar que é sexto.

SOBRE O AUTOR

Edson Barrus é artista, pesquisador, curador e educador. Possui graduação em zootecnia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1984), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Pós-doutorado em Ensino em Artes Visuais/ Universidade Federal da Paraíba. Concebeu e ativou o Rés do Chão de 2002 a 2005 no Rio de Janeiro, um espaço de estudo, apresentações de performances e investigações de práticas contemporâneas em artes. É editor da revista Nós Contemporâneos e curador independente arTTrainee. Participou de diversos projetos como: Itaú Rumos Visuais, Atelier Finep/Paço Imperial Rio de Janeiro, Rede de Tensão /Paço da Artes de São Paulo e Porto 2001. Foi indicado ao Prêmio Sergio Mota de Arte e Tecnologia 2000 e à Bolsa Virtuose 2001, pelo Itaú Cultural. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Artes Visuais, Arte Contemporânea, Circuito de Arte Brasileiro, videoarte e texto de artista.